

Dossiê: Para além do 25 de Abril: transições políticas e  
dinâmicas culturais

<https://doi.org/10.34019/2594-8296.2026.v32.51354>

**Transição como invenção política:  
a intervenção de intelectuais cristãos nos embates pela democracia  
brasileira (1970-1990)\***

*Transition as a Political Invention:  
The Intervention of Christian Intellectuals in the Struggles for Brazilian Democracy  
(1970-1990)*

*La transición como invención política:  
la intervención de los intelectuales cristianos en las luchas por la democracia  
brasileña (1970-1990)*

Américo Freire\*\*

<https://orcid.org/0000-0002-3039-5360>

**RESUMO:** O texto tem como objetivo examinar as bases da formação de um novo campo político-religioso no Brasil no contexto da transição pela democracia no país (1970-1990). Adota como método de análise o estudo da trajetória de dois intelectuais cristãos – um protestante e um católico – que tiveram papel central na condução de entidades civis e na elaboração e divulgação de proposições que deram fundamento à Teologia da Libertação – centro de gravidade desse novo campo político-religioso. Propõe também discutir elementos acerca da modalidade de intelectual que tece a construção desse campo, sugerindo o uso da noção “intelectuais de retaguarda”. A pesquisa mobiliza fontes bibliográficas e entrevistas de História Oral.

---

\* A pesquisa conta com o apoio de uma bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

\*\* Professor titular do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Pesquisador do CNPq, Doutor em História Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). E-mail: [americo.freire@fgv.br](mailto:americo.freire@fgv.br).

Palavras-chave: Transição política. Intelectuais cristãos. Teologia da Libertação. Protagonismo popular.

ABSTRACT: This text aims to examine the foundations of the formation of a new political-religious field in Brazil within the context of the country's transition to democracy (1970-1990). It adopts as its analytical method the study of the trajectory of two Christian intellectuals – one Protestant and one Catholic – who played a central role in leading civil entities and in the elaboration and dissemination of propositions that formed the basis of Liberation Theology – the center of gravity of this new political-religious field. It also proposes to discuss elements concerning the type of intellectual who shaped the construction of this field, suggesting the use of the notion of "rearguard intellectuals." The research utilizes bibliographic sources and Oral History interviews.

Keywords: Political transition. Christian intellectuals. Liberation Theology. Popular protagonism.

RESUMEN: Este texto tiene como objetivo examinar los fundamentos de la formación de un nuevo campo político-religioso en Brasil en el contexto de la transición del país a la democracia (1970-1990). Adopta como método analítico el estudio de la trayectoria de dos intelectuales cristianos —uno protestante y otro católico— que desempeñaron un papel central en la dirección de entidades civiles y en la elaboración y difusión de propuestas que conformaron la base de la Teología de la Liberación, eje central de este nuevo campo político-religioso. Asimismo, se propone analizar elementos relacionados con el tipo de intelectual que influyó en la construcción de este campo, sugiriendo el uso de la noción de "intelectuales de la retaguardia". La investigación se basa en fuentes bibliográficas y entrevistas de Historia Oral.

Palabras clave: Transición política. Intelectuales cristianos. Teología de la liberación. Protagonismo popular.

### Como citar este artigo:

Freire, Américo. “Transição como invenção política: a intervenção de intelectuais cristãos nos embates pela democracia brasileira (1970-1990)”. *Locus: Revista de História*, 32, n. 1 (2026): 142-164.

\*\*\*

*Como renascem as democracias* – esse é o título de uma conhecida coletânea organizada por pesquisadores de três países – Alain Rouquié (França), Bolivar Lamounier (Brasil) e Jorge Schvarzer (Argentina) – que foi publicada pela editora Brasiliense em 1985, ano derradeiro da ditadura militar brasileira. Na ocasião, tomava corpo, no âmbito dos estudos políticos, uma subárea cujo foco envolvia uma agenda de questões relativas aos processos de transição rumo à democracia.

Lamounier, na apresentação da obra, chama atenção para um traço distintivo dessa produção: trata-se de estudos de extrato acadêmico que são igualmente motivados por uma “investigação engajada sobre as perspectivas e dilemas de uma ordem democrática e pluralista” (Lamounier 1985, 8). Tal postura, como sabemos, era então nutrida pela crença de que, naquela quadra, nas palavras de Rouquié, a democracia voltava a ser “uma ideia nova no mundo”. E acrescenta:

Pelo menos o seu universo parece em expansão e isso justamente nos continentes onde se menos esperava. Ontem um espécime em vias de extinção, forma condenável e condenada pela história da dominação burguesa ou do colonialismo, os sistemas representativos pluralistas aparecem de repente como portadores de valores universais e areolados com a sedução do fruto proibido ou do mal menor (Rouquié 1985, 9).

Guy Hermet, em escrito mais recente, da década de 1990, propõe um freio de arrumação nesse campo de estudos, dado que aponta, entre outras críticas, para o viés normativo e teleológico que havia marcado boa parte da chamada “transitologia”. Hermet (2001) a par de definir as transições democráticas como um espaço de tempo inscrito em regimes políticos de tipos diferentes, assevera que seria melhor e mais prudente falarmos tão-somente em “transição política”. Pois, de um lado,

sabe-se muito bem que nem todas as passagens para a democracia se processam de maneira democrática; de outro, ninguém pode assegurar que se conseguirá chegar de fato a uma solução democrática aceitável (muitas vezes fica-se num estágio de semidemocracia) (Hermet 2001, 14).

O autor, assim, sugere vermos a transição como um evento-ponte, nos moldes de um acontecimento singular, acidental, improvável, tal como a tipologia sugerida por Dosse (2013, 264), que nos joga para uma outra margem do rio, muitas vezes desconhecida.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Temos utilizado, em nossas pesquisas, a noção “transição política” inspirados em Hermet (2001) e na produção que trabalha com a categoria “invenção democrática”, destacando seu caráter aberto, processual e inconcluso. A respeito, ver Lefort (1983 e 1991); Rosanvallon (2010, 2022 e 2024); Rancière (2014). Para o caso da transição política brasileira, nosso foco se concentra no estudo de processos políticos que cobrem as décadas de 1970 a 1990. Sobre o tema, ver Freire e Martinho (2012) e Freire (2014).

---

Seguindo a trilha aberta por Hermet, temos em nossas pesquisas estudado os contornos de um novo campo político-religioso que, advindo de mudanças de vulto no universo católico e cristão promovidas no pós-guerra – cujos marcos são o Concílio Vaticano II e o avanço do movimento ecumênico levado adiante pelo Conselho Mundial de Igrejas (CMI) –, terminou por exercer considerável influência nas alterações políticas e sociais que se processaram no país nas décadas finais do último século. Quanto aos elementos-chave desse campo, compreendido por Michael Löwy pela noção “cristianismo da libertação” (2000, 56-67), há de se mencionar dois deles: a presença orgânica de vários de seus membros nos chamados “novos movimentos sociais” (Doimo 1995), notadamente na estruturação e divulgação dos Encontros Nacionais das Comunidades Eclesiais de Base (os Intereclesiais) (Teixeira 1996) e a condução de iniciativas no sentido de constituir grupos e uma ampla rede de entidades que têm como fundamento a Teologia da Libertação (TdL). Lideranças desse campo também se envolveram – direta ou indiretamente – na criação e na formação da Central de Movimentos Populares (CMP), da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do Partido dos Trabalhadores (PT) (Barros 2022).<sup>2</sup>

Dito isso, cabe perguntar acerca dos intelectuais que compuseram e deram sentido e direção a esse campo. Qual seria o seu padrão de atuação? Como se relacionaram com a hierarquia e as denominações religiosas que muitos deles mantiveram algum tipo de conexão? Seria possível apontar um leque de características comuns que possibilite construirmos um perfil desse intelectual?<sup>3</sup>

No âmbito das nossas investigações, que seguem orientadas pelas perguntas acima, temos enfrentado o tema buscando variar nossa escala de observação, ora concentrado o foco na vida e obra de um intelectual em particular, no caso Frei Betto (Freire e Sydow 2016), ora produzindo estudos de cariz prosopográfico sobre o Grupo Emaús – coletivo de referência da TdL no país – (Freire 2019), ora estudando a malha de entidades criadas por eles voltadas para o trabalho de formação pastoral e de educação popular (Freire 2022).

---

<sup>2</sup> Nosso uso da noção “campo popular-religioso” está em diálogo com as proposições de Bourdieu (1989 e 2011), Weber (2000), Löwy (2000) e Doimo (1995) e tem como norte explorar os processos de interação entre os campos político e religioso.

<sup>3</sup> A noção “intelectuais” adotada na pesquisa segue proposições de Said (2005) e Altamirano (2013) em torno do intelectual público moderno. Sobre o perfil desse intelectual, conferir Novaes (2006) e Ribeiro (2006). A respeito das redes de sociabilidade dos intelectuais, ver Sirinelli (1996 e 1998) e Dosse, (2007) e sobre a sociologia dos intelectuais, consultar Zelinský, (2025). Ver ainda panorama do caso brasileiro em Miceli (2001) e Perlatto (2025).

Optamos, no caso deste estudo, em fixar nosso olhar na produção de dois intelectuais com vistas a melhor situar e qualificar os traços constituintes desse campo. Seleccionamos nomes que reúnem dois atributos básicos: firmaram sua atuação no trânsito entre os campos religioso, acadêmico e popular; e criaram e estiveram à frente de entidades civis que compõem o largo campo da TdL no país. São eles: Jether Ramalho (1922-2020), leigo protestante vinculado à Igreja Congregacional, sociólogo, professor universitário, criador do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), e um dos líderes do ecumenismo no país; e José Oscar Beozzo (1941-...), padre católico, historiador, sociólogo, teólogo e professor universitário, coordenador-geral do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP) e membro destacado da Comissão para o Estudo da História da Igreja na América Latina (CEHILA).

O texto está dividido em três seções. Nas primeiras, apresentamos proposições e temas que entendemos como relevantes para a compreensão da obra de cada autor. Na última, avançamos em reflexões sobre o perfil desses intelectuais mantendo os olhos no roteiro de questões acima mencionado.

### **Cristãos, ecumenismo e classes populares**

José Ricardo Ramalho, sociólogo, professor universitário e filho de Jether Ramalho, organizou, em 2010, um livro sobre o pai intitulado *Uma presença no tempo: a vida de Jether Ramalho*, o qual tornou-se referência tanto para os estudos acerca da trajetória do protagonista em tela, como para os que se debruçam na história do evangelismo e do ecumenismo no Brasil (Entrevista de José Ricardo Ramalho ao autor 2017). O volume está dividido em três seções. Na primeira, a palavra está com Jether e com Lucília, sua esposa. Ambos relatam eventos relativos às origens familiares, ao casamento e ao início da carreira profissional de Jether como dentista com um concorrido consultório em um bairro do subúrbio carioca. Jether narra ainda, em seguida, os primeiros passos de sua ascendente presença na mocidade evangélica, primeiro na Igreja Congressional e depois também na Confederação Evangélica Brasileira (CEB), quando veio a tomar contato com vertentes do ecumenismo voltadas para a responsabilidade social das igrejas e com as bases da teologia progressista cristã de Richard Shaull (Ramalho 2010b, 34-38).

Jether coloca também leitor a par da reviravolta política no campo evangélico decorrente do golpe militar de 1964. Na ocasião, lideranças conservadoras de várias denominações evangélicas trataram de afastar suas alas progressistas, vindo a atingir diretamente Jether, Waldo César e outras lideranças que militavam em suas igrejas e na CEB.

Esse grupo, para manter algum nível de articulação, criou o Centro Evangélico de Informação, mais tarde denominado Centro Ecumênico de Informação (CEI). A nova entidade, contando com apoio de personalidades e órgãos que giravam na órbita do CMI, em pouco tempo, ganhou fôlego e respeitabilidade entre segmentos evangélicos e católicos. Nesse contexto favorável, o CEI passou a se chamar Centro Ecumênico de Documentação e Informação (CEDI), com escritórios no Rio de Janeiro e em São Paulo. Jether, em seu depoimento, chama atenção para dois aspectos-chave dessa nova estrutura ecumênica: o trabalho pastoral e educacional baseado no método Paulo Freire e a criação da editora – e depois da revista – *Tempo e Presença* (Ramalho 2010b, 38-49).

Jether, nas décadas seguintes, intensificou sua presença no universo ecumênico internacional – vindo a coordenar projetos no âmbito do movimento Igreja e Sociedade na América Latina, vinculado ao CMI – e nacional, quando cumpriu papel importante na formação de uma malha de entidades voltadas para a formação de quadros e para o desenvolvimento de projetos fundados nas teses do ecumenismo vinculado à justiça social, tais como a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) e o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP). Também se envolveu na constituição do Grupo Emaús, do Centro de Estudos Bíblicos (CEBI) e do Instituto Superior de Estudos da Religião (ISER), entre outros (Entrevista de José Ricardo Ramalho ao autor 2017).

Nos anos sessenta, ele abandonou o consultório e ingressou no universo acadêmico, primeiro como aluno e depois como professor de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em seu depoimento, porém, dedica-se pouco a descrever episódios de sua nova vida como discente maduro e como professor universitário. Não menciona, por exemplo, a elaboração de sua dissertação de mestrado em educação que defendeu na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio) sob o título *Prática educativa e sociedade: Um estudo de Sociologia de Educação* – publicado em livro pela Editora Zahar em 1976.

A segunda seção do livro, *Uma presença no tempo: a vida de Jether Ramalho*, abre-se para a palavra aos amigos e parceiros de jornada de Jether, tais como Zwinglio Dias e Luiz Eduardo Wanderley (companheiros no CEI/CEDI); Oscar Beozzo e Carlos Mesters (no Emaús, CESEEP e CEBI); Maria Helena Arrochellas (no CAALL - Centro Alceu de Amoroso Lima para a Liberdade); Edson de Almeida (na Igreja Cristã de Ipanema) ou ainda Gilberto Velho (colega nos tempos da UFRJ).

---

Já a derradeira seção deste livro comporta uma seleção de dez escritos de Jether que será a matéria-prima para nossa análise sobre algumas de suas proposições centrais. Temos um material variado: um único texto acadêmico (capítulo VI da dissertação de mestrado acima mencionada); anotações e reflexões preparatórias para reuniões; capítulos de livros; e artigos publicados em revistas para um público não especializado. Desse conjunto, optamos por nos fixar em dois textos da lavra do autor em que sobressaem três temas que se entrelaçam: ecumenismo, avanço da presença popular e formação de quadros. Acompanhemos.

*Organismos ecumênicos, igrejas e movimentos populares* é o título do primeiro deles. Escrito para servir de documento de discussão para o debate que veio a realizar no Encontro Latino-Americano e Caribenho de Organismos Ecumênicos (Quito, julho de 1988), o texto passa em revista várias questões que então desafiavam o movimento ecumênico, chamando atenção para duas delas em particular. Tratava-se, em primeiro lugar, de definir com maior clareza o padrão de relacionamento a ser estabelecido entre entidades ecumênicas e as instituições eclesiais. Para Jether, era importante que essas entidades se preocupassem em assegurar uma convivência harmônica com as igrejas, afastando a ideia, por vezes presente, de que os organismos ecumênicos representariam uma “outra igreja” ou uma “igreja alternativa” com pastoral própria.

Essas entidades, ao mesmo tempo, precisam afirmar sua autonomia frente às estruturas eclesiais. Isso porque, nas palavras do autor, tal postura representa uma “condição indispensável para garantir a sua liberdade de reflexão, de análise crítica, de assessoria, de serviço, isentos das injunções da política eclesial que podem assumir, muitas vezes, caráter repressivo e dificultador de avanços necessários.” E prossegue: “Devem ter espaço livre para exercer, plenamente, seu carisma especial, seu ministério próprio” (Ramalho 2010c, 188).

Outro campo de desconfiança entre as entidades ecumênicas e as igrejas diz respeito à formação de quadros próprios para o movimento ecumênico. Uma vez mais, há o temor de que o incremento desses quadros poderia vir a enfraquecer – ou mesmo substituir – os quadros eclesiais. Jether refuta esse temor: trata-se, na verdade, de uma “suplementação e atualização, qualitativamente diferentes e absolutamente necessárias” (Ramalho 2010c, 188).

O autor, em seguida, desloca seu relato e análise para examinar questões relativas ao relacionamento entre os organismos ecumênicos e os movimentos populares. A esse respeito, cabe registrar, preliminarmente, a maneira pela qual entendia o papel desses

movimentos naquela quadra histórica. Segundo ele, em um contexto adverso, dado os duros golpes desfechados pelos governos contra tais movimentos, “estes se recompuseram, amadureceram politicamente, ampliaram os níveis de luta, abrangendo outros segmentos sociais”. Assim, aponta o autor, “nota-se a emergência [...] do *novo sujeito que, certamente, será o protagonista principal da sociedade que está se gestando em nosso continente*” (Ramalho 2010c, 183, grifo nosso).

Mas, como as entidades ecumênicas deveriam lidar com esse fenômeno de grande amplitude? Quais deveriam ser as estratégias no sentido de estreitar relações, construir pontes com o universo popular então em franca mobilização? Jether levanta algumas pistas para enfrentar essas questões. A primeira: os organismos ecumênicos deveriam evitar a pretensão de se colocar na posição de influir na direção e mesmo na articulação desses movimentos. Em suas palavras: “O ritmo, a pedagogia, as prioridades dos movimentos populares são basicamente decisões deles próprios. Não precisam de tutores, por mais bem intencionados que sejam” (Ramalho 2010c, 195). Ou seja, cabe às entidades ecumênicas o papel de contribuir na reflexão crítica e na elaboração de sínteses teóricas sobre as práticas populares. Não se trata, segundo o autor, de colocar-se em posição de subordinação, mas de “serviço e cumplicidade solidária com os movimentos populares” (Ramalho 2010c, 195).

Jether desdobra esse tema ao arrolar algumas iniciativas a serem adotadas pelos organismos ecumênicos quanto a firmar uma “aliança madura” com os movimentos populares, entre as quais: promover a guarda e a divulgação acerca das lutas e da história dos movimentos populares; assessorar os movimentos na sistematização e avaliação de suas práticas; participação na formação de quadros junto às entidades populares; além de contribuir na elaboração de projetos com vistas à obtenção de recursos oriundos de agências de apoio ligadas às Igrejas.

O autor, por fim, propõe que os organismos ecumênicos, na América Latina e no Caribe, se transformem, cada vez mais, “em um espaço, sem nenhuma pretensão de tutela, onde os movimentos populares possam com liberdade refletir suas práticas e estreitar os laços de unidade e solidariedade” (Ramalho 2010c, 200). E arremata: “Proporcionando esse local de troca de experiências, ajuda a superar diferenças superficiais e ampliar o horizonte de luta, colocando-a em escala universal, sem desprezar as conjunturas locais e nacionais” (Ramalho 2010c, 200).

O tema da centralidade dos movimentos populares está também presente no artigo de Jether intitulado *Ecumenismo brotando da base* – publicado na revista Sedoc da Editora Vozes

no começo de 1979. Nele, o autor, de partida, aponta para algumas mudanças que então se processavam no campo ecumênico, sendo que a mais importante delas disse respeito à constituição de um espírito ecumênico renovado e nutrido pela “opção clara e consequente de muitos segmentos da Igreja pelas classes populares” (Ramalho 2010a, 230). Configura-se, para o autor, um “ecumenismo vivo” que se expressa “em diversas Comissões Pastorais da Terra, na luta pelos Direitos Humanos, onde a Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE) tem prestado relevantes serviços, na tarefa de integração de migrantes e agora nas Comunidades Eclesiais de Base [Cebs]” (Ramalho 2010a, 230).

Jether, nas demais seções do artigo, foca em elementos constitutivos desse ecumenismo popular que se encontram presentes na experiência das Cebs, tomando como referência o Intereclesial realizado em julho de 1978. São eles: 1) As Cebs possuem uma agenda de lutas que envolve o enfrentamento de questões concretas, sejam às relativas ao acesso a bens públicos nos meios urbanos, seja às voltadas para o ancestral problema da posse da terra.

Isso pressupõe, segundo o autor, uma atitude unitária que tende a ultrapassar divisões confessionais. Seus membros descobrem-se, assim, que “são irmãos não somente na fé, mas no sofrimento e na luta por direitos” (Ramalho 2010a, 231); 2) No universo das Cebs, a prática da leitura popular da Bíblia é elemento central, favorecendo uma vez mais a aproximação entre protestantes e católicos; 3) A presença ativa e significativa dos leigos na animação das Cebs é outro instrumento capaz de reunir católicos e protestantes. Registra o autor: “Os leigos vão descobrindo que os seus companheiros de trabalho, de lutas, de sofrimento, de exploração, são também, muitas vezes, seus irmãos na fé e na esperança, filhos do mesmo Pai e alimentados pelo mesmo Evangelho” (Ramalho 2010a, 232).

Jether, ao concluir, observa que, nas Cebs, a prática ecumênica não segue protocolos pré-estabelecidos e nem é resultante de acordos formais entre instituições eclesiais, mas sim fruto de

uma força que emerge das bases da Igreja e que certamente é alimentada pelo Espírito de Deus. [...] A luta pela justiça, então ultrapassa o eclesial e é capaz de reconhecer como companheiros todos os que estão verdadeiramente empenhados na causa comum (Ramalho 2010a, 232).

Aí estão, portanto, algumas proposições do autor que podem ser resumidas em torno de duas questões: temos um fenômeno social-religioso que marca o presente e aponta para o futuro e temos ainda o desafio de como as igrejas e entidades cristãs devem lidar com ele. Quanto ao protagonismo popular apontado por Jether, o autor se reserva a descrever alguns

---

aspectos constitutivos do fenômeno, deixando de lado a preocupação em melhor situar o problema, seja no plano conceitual, seja acionando outros autores. O foco aqui é outro: Jether produz textos estratégicos, diretos, assertivos e de intervenção cuja finalidade é a de incidir diretamente sobre os que compõem o campo ecumênico.

Independentemente do objetivo e do estilo do autor, é possível levantar a hipótese de que suas assertivas sobre o protagonismo popular estariam na confluência de duas tradições intelectuais. A primeira seria aquela que, entre as décadas de 1960 e 1980, via os chamados “novos movimentos sociais” como o motor de transformações que então se processavam na luta de classes nas sociedades contemporâneas, tratando assim de se afastar de abordagens mais clássicas do marxismo. As referências aqui são os nomes de C. Castoriadis (1982), C. Lefort (1991), E.P. Thompson (2008) ou ainda M. Castells (2000), entre outros, que contribuíram para afirmar as linhas gerais de movimentos autonomistas que ganharam algum fôlego naquela quadra histórica, alcançando inclusive o Brasil (Perruso 2009, 88-97). Daí, por exemplo, a presença do ideário autonomista em correntes dos movimentos populares e sindicais, assim como no âmbito do PT (Barros 2022, 102-104).

Essas proposições de Jether relativas aos “novos atores sociais”, como também à configuração de um “ecumenismo popular”, podem também ser vistas em franco diálogo com vertentes da TdL que têm como opção afirmar a presença das classes populares como protagonistas da sua própria história. Essa ideia-força alimentou, por um lado, a criação de uma rede de entidades leigas e religiosas cujo foco foi a promoção de cursos de educação popular inspirada nas teses e métodos de Paulo Freire. Também nutriu a produção de inúmeros trabalhos, fossem eles no campo das Ciências Sociais, fossem teológicos, que tiveram como objeto compreender as bases do soerguimento de uma “Igreja popular” na América Latina e no Brasil.

Cabe sublinhar, no âmbito dessa produção, as proposições de Leonardo Boff contidas em livros como *Eclesiogênese* (Boff 1977) e *Igreja, Carisma e Poder* (Boff 1981), cujo principal objetivo foi o de traçar as linhas gerais de uma nova Igreja erguida, construída e mantida pelas bases, tal como vinha apontando a experiência das Cebbs. A menção a esses livros de Boff não é gratuita: eles foram escritos como resposta ao fenômeno das Cebbs e na atmosfera dos debates realizados no Grupo Emaús, do qual faziam parte Boff, Carlos Mesters, João Batista Libânio, José Oscar Beozzo, Luiz Alberto Gomez de Souza, Frei Betto e o próprio Jether Ramalho.

Isso posto, tratemos de acompanhar a questão apresentada por Jether acerca da maneira pela qual os cristãos comprometidos com a opção popular devam lidar com a emergência desse “novo agente histórico”. Duas posturas deveriam ser evitadas. A primeira delas é a resposta tradicional – a que reproduz a postura evangélica colonizadora conduzida por aqueles que conhecem e são detentores da palavra divina. As classes populares, nesse caso, permanecem como objeto de uma ação cristã que se pretende libertadora. A outra postura inverte os termos da equação: as classes populares detêm a palavra, a cultura, o porvir. Caberia, assim, aos intelectuais cristãos reconhecer os estritos limites de sua atuação.

Temos aqui, portanto, um dos traços distintivos do que, nos debates políticos, se chama de “basismo”, qual seja: a verdade insofismável está na atuação autônoma das classes populares, as quais devem se manter devidamente afastadas das instituições, da política e mesmo dos partidos. Jether, em seus textos, menciona brevemente o basismo, apontando para suas insuficiências. Registra:

Os movimentos populares [...] têm reagido com intensidade, ultimamente, a certa tentativa de hegemonia dos intelectuais no delineamento de sua estratégia de ação. Essa tensão poderá levar a uma radical posição *basista* que também não possibilitará avanços concretos no processo (Ramalho 2010c, p. 196, grifo nosso).

E conclui: “A complementariedade das perspectivas será necessária para a eficácia da luta popular” (Ramalho 2010c, p. 196).

Adiante, na segunda seção deste trabalho, iremos avançar um pouco mais no papel estratégico exercido por Jether e pelo movimento ecumênico no âmbito da TdL e das lutas sociais e políticas que então eram empreendidas no país nas últimas décadas do século XX.

### **Teologia da Libertação em perspectiva histórica**

José Oscar Beozzo é o segundo nome da nossa galeria de intelectuais cristãos. Padre Beozzo, como é costumeiramente chamado, é uma das mais conhecidas figuras do clero paulista. Ordenado padre em 1964, aos 23 anos, fez estudos de Filosofia em São Paulo e Teologia na Universidade Gregoriana de Roma. Formou-se ainda Mestre em Sociologia da Religião pela Universidade Católica de Louvain, e Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). É também Professor *Honoris Causa* pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). É sacerdote, ainda hoje, na Diocese de Lins (Sauvage 2017, 79-80).

Beozzo associou seu nome a múltiplas atividades, seja como reitor no Instituto Teológico de Lins, como professor de história da Igreja em universidades paulistas, membro da Comissão para o Estudo da História da Igreja na América Latina (CEHILA) e secretário-executivo do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular

(CESEEP). É membro do Grupo Emaús, tendo sido ainda um dos organizadores da Coleção Teologia e Libertação – obra-referência da TdL (Entrevista de José Oscar Beozzo ao autor, 2018).

O religioso, em meio aos inúmeros afazeres – pastorais, administrativos e acadêmicos –, concentrou amplos esforços em duas frentes. Na primeira delas, trabalhou no sentido de colocar de pé e gerir o CESEEP, contando para tal com o suporte estratégico da arquidiocese de São Paulo, então dirigida pelo Cardeal Paulo Evaristo Arns, e com o apoio de um bom número de religiosos e leigos católicos, assim como de alguns protestantes, entre quais cabe citar os nomes de Jether Ramalho e de Júlio de Santa Ana – teólogo uruguaio metodista e figura-chave do campo ecumênico. A entidade, criada em 1982, tem como principal atividade a promoção de cursos voltados para a formação de quadros, sendo que o mais importante deles é o Curso de Verão – cujo objetivo consiste em oferecer instrumentos pastorais, bíblicos, teológicos e sociológicos para centenas de jovens leigos e lideranças comunitárias (CESEEP 2011). O CESEEP, com o tempo, fixou-se como uma importante *escola de formação* vinculada organicamente à TdL (Freire 2022).

Beozzo, ao mesmo tempo, não descurou em produzir vasta obra voltada especialmente para a história da Igreja Católica no Brasil e na América Latina, destacando-se, no caso, sua presença – como organizador e autor – na *Coleção História Geral da Igreja no Brasil*, ladeado por Eduardo Hoornaert, Riolando Azzi e vários outros historiadores. Essa obra de referência, publicada entre fins da década de 1970 e a década de 1990, foi uma das principais realizações da CEHILA. Quanto aos livros autorais, cabe aqui mencionar dois deles: *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II* (Beozzo 2005), resultado de sua tese de doutorado em História defendida na USP, e *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo* (Beozzo 1993), uma coletânea de textos que cobre 35 anos da história da Igreja do Brasil.

Optamos, para os fins deste artigo, focar nossa análise no texto do autor intitulado “O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas”, publicado originalmente na Itália (2014) e depois no Brasil, nos *Cadernos de Teologia Política* do Instituto Humanitas Unisinos (2015). Nele, Beozzo, após tratar em perspectiva crítica a implantação do cristianismo na América Latina, foca sua análise em elementos que entende como constitutivos da TdL, dando destaque a três deles: a leitura popular da Bíblia; a elaboração, pela CEHILA, de uma historiografia do passado do continente comprometida com a “Igreja dos Pobres” e com o ecumenismo; e, por fim, menciona as obras que construíram as bases

---

teológicas da TdL — no caso, o livro do teólogo presbiteriano brasileiro Rubem Alves, *Theology of Human Hope* (1971), e as obras dos teólogos católicos Gustavo Gutiérrez, *Teologia da Libertação* (1971), e Leonardo Boff, *Jesus Cristo Libertador* (1972).

Beozzo examina ainda outros dois pontos que se mostram importantes para o estudo da trajetória da TdL latino-americana. O primeiro deles cobre uma longa e detalhada descrição acerca da montagem da *Coleção Teologia e Libertação*, da qual é figura-chave, e do quadro de grave tensão que esteve presente nas relações que então se estabeleceram entre o Conselho Editorial da Coleção, formada por treze teólogos latino-americanos, segmentos da alta hierarquia do Conselho Episcopal Latino-Americano e Caribenho (CELAM) e a Congregação para a Doutrina da Fé, então dirigida pelo Cardeal Joseph Ratzinger.

Beozzo, nesta seção do texto, se esmera em apresentar ampla documentação primária acerca das sinuosas tratativas que se desenvolveram no decorrer da década de 1980 quanto à publicação de livros da Coleção. Descreve, por exemplo, como a direção da Coleção levou a efeito a criação de um Comitê de Patrocínio que teve por finalidade dar lastro político-religioso à iniciativa editorial. Esse Comitê reuniu arcebispos e bispos de vários países latino-americanos e foi capitaneado pelo Cardeal Paulo Evaristo Arns. O autor, ao mesmo tempo, não se furta em denunciar as inúmeras pressões realizadas por Ratzinger e seus intermediários no sentido de interditar a coleção, seja junto a membros do episcopado latino-americano, seja junto a editoras responsáveis pela publicação. Beozzo, por fim, chama atenção para a importante intervenção da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) na condução de negociação com o Vaticano com vistas a aparar arestas que possibilitassem viabilizar a Coleção. O resultado de todo esse processo foi o seguinte, nas palavras de Beozzo:

A Coleção publicou 28 volumes, pouco mais da metade dos 54 programados. A interrupção foi provocada, em parte, pelo cansaço de se lutar tanto pelo direito à reflexão teológica ao interior da Igreja; em parte, pela inconformidade de ser a TdL a única teologia em toda a Igreja católica submetida a uma censura prévia e à obrigação de se obter um *nihil obstat* para a edição de cada um dos livros; em parte, pelo fato de que o serviço pastoral que se prestava a uma Igreja inspirada em Medellín e Puebla foi sendo corroído pelas orientações em sentido inverso do pontificado de João Paulo II (Beozzo 2015, 48).

Beozzo, ao concluir o texto, aponta para os desafios que então estavam colocados à TdL. Para o autor, em suas origens a TdL, teve o foco colocado nas “dimensões econômicas, políticas e sociais da realidade”. Só mais tarde, segundo ele, “outras dimensões como as discriminações de caráter cultural, de gênero, de raça e de cor, de orientação sexual, ou os desafios que emergem do meio ambiente ganharam maior atenção na reflexão teológica em chave libertadora” (Beozzo 2015, 61).

---

Quanto à nova agenda da TdL, Beozzo destaca três frentes: a emergência de uma leitura feminista da Bíblia que se desenvolve no âmbito de uma luta mais ampla que segue a interpelar os limites impostos pela Igreja Católica ao ordenamento das mulheres; o conjunto de trabalhos teológicos voltado para discutir o problema das migrações e das condições das populações periféricas nas grandes cidades; e, por fim, as formulações produzidas por Leonardo Boff e outros teólogos dirigidas aos problemas da questão ambiental e da sustentabilidade do planeta (Beozzo 2015, 63).

Temos, nesse texto de Beozzo, alguns elementos importantes que nos auxiliam a verificar a maneira pela qual ele compreende a História da Igreja na América Latina e no Brasil, assim como vê o percurso que entende como exitoso da TdL. Situemos alguns pontos:

1. Quanto ao histórico da presença da Igreja no continente, Beozzo é claro e direto – a instituição esteve a cumprir o papel de instrumento de legitimação do domínio colonial, assim como também o fizeram Igrejas protestantes que atuaram na região. O autor, por outro lado, tampouco deixa de mencionar a presença de algumas vozes da Igreja católica que serviram de contraponto à essa posição hegemônica.

2. Beozzo, neste texto em particular, não volta os olhos para história da Igreja do Brasil. O faz na obra acima mencionada intitulada *A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II de Medellín a Santo Domingo* (1993). Nela, vê a caminhada da Igreja brasileira marcada, sob a influência do Vaticano II e Medellín, por uma práxis evangélica comprometida com os pobres e enraizada nos meios populares. Foi desse movimento, cita ele, que surgiram entidades fundamentais como o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), além das Comissões de Justiça e Paz criadas em prol dos Direitos Humanos (Beozzo 1993, 126-133).

3. Aponta ainda que a Igreja do Brasil, nessa caminhada, tem enfrentado inúmeras resistências, seja por parte daqueles grupos sociais e políticos que se vêm ameaçados pelo avanço da aliança entre a TdL e os movimentos populares, seja por parte de segmentos internos da Igreja que se encontram presentes em diferentes órgãos da instituição. Beozzo tampouco deixa de mencionar a oposição à TdL liderada por importantes autoridades da CELAM, desde a década de 1970, assim como chama atenção para medidas conduzidas pelo papa João Paulo II e pela Cúria Romana no sentido de promover a neutralização da Teologia latino-americana. Nesse contexto, trata de dois casos paradigmáticos: o dos problemas relativos à publicação da Coleção Teologia e Libertação, acima mencionados, e o processo de interdição o qual foi alvo o teólogo Leonardo Boff.

4. Cabe levantar, por fim, alguns aspectos relativos à abordagem de Beozzo sobre a TdL, a qual ora se refere no singular, ora no plural – como no caso do título do artigo que examinamos acima. A esse respeito, é possível sugerir que o uso do plural pelo autor tem como objetivo sublinhar seu caráter múltiplo e originário de muitas fontes. Beozzo, ainda assim, a concebe, tal como os teólogos Leonardo e Clodovis Boff (2001), como uma reflexão teológica alimentada e plasmada pela realidade social do continente, na qual a leitura da realidade deva:

partir dos últimos, dos mais pobres e excluídos, aos quais se revela o Deus da Vida, como a seus prediletos; abraçar sua causa e seus sonhos; e empenhar-se pela transformação da injusta realidade como parte essencial do seguimento de Jesus Cristo são alguns dos elementos que configuram o que se convencionou chamar de teologia da libertação (Beozzo 2015, 8).

5. Beozzo, também no título, se refere ao “êxito das Teologias da Libertação”, sendo que, como pudemos verificar, ele mesmo acompanha em detalhes o duro embate da TdL com o Vaticano, do qual resultaram não poucas perdas e derrotas. Beozzo, ao que parece, sem deixar de chamar atenção para os problemas e obstáculos enfrentados pela TdL, tende a vê-la como uma resposta única, criativa e orgânica à realidade religiosa e social do continente. E mais: coerente com o espírito e com os ares renovadores do Concílio Vaticano II e de Medellín.

Podemos, por ora, feito esse breve apanhado de algumas suas proposições, avançar no fechamento desta seção, não sem antes mencionarmos a posição estratégica que Beozzo tem exercido na formação e na condução do campo político–religioso que temos nos referido neste texto. No acompanhamento de suas atividades, assim como na leitura de seus textos, é possível ver em ação um intelectual sofisticado, preparado e com ampla capacidade de interlocução e articulação (dentro e fora da Igreja Católica). A par do cotidiano da vida religiosa e de administrador de uma importante entidade de formação, temos ainda uma figura que veio a ocupar um duplo papel bem significativo: o de artífice de uma nova história da Igreja do Brasil – vista por ele como majoritariamente comprometida com a opção pelos pobres – e de memorialista do campo que vem forjando a TdL no Brasil e na América Latina (Entrevista de José Oscar Beozzo ao autor, 2018).

### **Intelectuais cristãos na retaguarda: apoio e legitimidade aos movimentos populares**

Tratemos, por ora, nesta seção final, de avançarmos em uma dupla direção. O foco, na primeira delas, persiste no exame da trajetória e das proposições dos autores em tela, uma

---

vez que nos interessa melhor situar o posicionamento de ambos no campo político-religioso acima mencionado. Em seguida, abriremos nossas lentes de análise com vistas a explorar e articular dois temas que tocamos neste texto: a constituição de um novo campo político-religioso no país que tomou corpo no contexto de luta contra o regime ditatorial e em prol da democratização social e política da sociedade brasileira e a consequente presença nesse campo de uma determinada modalidade de intelectual cristão que tem como norte a defesa teórica e prática do protagonismo popular nas lutas políticas e sociais. Acompanhemos esses pontos.

Jether Ramalho e José Oscar Beozzo, como pudemos verificar, exerceram papel de liderança em inúmeras iniciativas que deram lastro à TdL brasileira, cuja marca tem sido, desde a década de 1970, o entrelaçamento entre os universos cristão e popular (Susin 2017, 99-105). Quando postos lado-a-lado, é possível observar que Jether, depois de intensa militância na juventude evangélica, e do seu afastamento forçado de sua denominação religiosa, optou por criar e organizar uma via alternativa no universo cristão. Ele e seus parceiros de caminhada, com vistas a fugir do isolamento, se viram diante da necessidade de forjar um espaço próprio de atuação religiosa e política.

O principal resultado dessa ação coletiva foi a criação do CEI, depois CEDI, o qual veio a contribuir de forma efetiva para a elaboração e para a divulgação de concepções de cunho ecumênico no Brasil, para tal contando com uma rede de entidades em nível internacional vinculada ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Esse caminho trilhado por Jether, assim como por outros cristãos protestantes dissidentes, lhe assegurou ampla liberdade de ação, daí sua forte presença em grupos compostos majoritariamente por católicos, como o Emaús, ou mesmo em atividades vinculadas a segmentos da Igreja Católica, como os encontros nacionais das Cebs – os Intereclesiais, nos quais atuava no corpo de assessores.

Jether, conforme vimos, teve atuação universitária como professor de sociologia na UFRJ, mas a academia não mostrou ser seu lugar preferencial. Seu foco, ao que parece, foi a atividade educativa/social/ política em entidades que então mantinham estreitos vínculos com o universo popular. Nessa perspectiva, boa parte da sua produção intelectual veio a ser moldada – e mesmo condicionada – para o atendimento de questões estratégicas para o incremento do campo ecumênico.

Já Beozzo, de início, teve trajetória típica daqueles que a Igreja Católica prepara para exercer posições de liderança na instituição, seja para assumir funções na alta hierarquia, seja

para atuar como teólogos e professores em entidades universitárias católicas. A instituição, para tal, proporciona aos seus quadros uma apurada formação intelectual em universidades católicas de prestígio, entre elas a Gregoriana de Roma e a Universidade de Louvain, na Bélgica. Como aluno, Beozzo teve oportunidade de acompanhar de perto as mudanças proporcionadas pelo Concílio Vaticano II que então abalaram e transformaram a Igreja Católica.

Beozzo, ao retornar ao Brasil, não seguiu exatamente o caminho a ele reservado, vindo a ocupar um lugar bastante original no âmbito da Igreja católica em São Paulo. O religioso, a par de manter seus vínculos como sacerdote em sua diocese de origem, optou por assumir atividades profissionais que lhe possibilitaram uma razoável margem de autonomia aos ditames estabelecidos pela Igreja Católica, seja como docente universitário; seja como diretor executivo do CESEEP – um centro evangélico e ecumênico estruturado nos moldes de uma entidade civil; seja, por fim, como autor de uma nova história da Igreja do Brasil, devidamente inspirada nos princípios e práticas da TdL. Cabe observar que, como registramos acima, o religioso nunca deixou de manter firmes seus vínculos com o Cardeal Paulo Evaristo Arns, então à frente da Arquidiocese de São Paulo, e com vários segmentos do clero católico então vistos como “progressistas”. Quanto à sua vasta obra, cabe observar a identificação de seus posicionamentos com linhas do catolicismo favoráveis às resoluções do Concílio Vaticano II e de Medellín.

Jether e Beozzo, já registramos, estiveram ao lado de inúmeros militantes – leigos e religiosos – na construção de um novo campo político-religioso no país cujo eixo orientador foi a TdL que tinha como horizonte promover importantes transformações nas estruturas sociais e políticas brasileiras. Duas questões aqui se impõem. A primeira delas: como esse campo enfrentou a questão partidária e o processo de institucionalização democrática brasileira das últimas décadas do século XX? E mais: quais foram os principais encaminhamentos nesse sentido?

Quanto a esse ponto em particular, pudemos verificar, em nossas pesquisas preliminares, que o tema da questão partidária ensejou inúmeros debates entre lideranças diretamente vinculadas à TdL. E isso não era por acaso. A preocupação era dupla: uma delas dizia respeito à instrumentalização das Cebs pelos partidos políticos. A outra, correlata à primeira, referia-se à sangria de líderes cristãos rumo aos partidos de esquerda e às administrações municipais populares que então começaram a tomar corpo (Freire 2021).

Para enfrentar esse problema, foram formuladas uma gama de respostas, da qual se destacou uma, sugerida pelo teólogo Clodovis Boff, e acompanhada por outros membros do Grupo Emaús, relativa à criação de uma pastoral de acompanhamento dos militantes partidários, a ser conduzida por religiosos, que teria como objetivo orientar e articular aqueles cristãos que estivessem devidamente envolvidos nas lides político-partidárias. (Boff 1987, 09-46). A proposta, de certa inspiração “basista” e antipartidária, esbarrou, porém, na falta de interesse e apoio da Igreja Católica para ser viabilizada.

Anos mais tarde, na esteira da promulgação da Constituição de 1988 e na expectativa de realização de eleições presidenciais, nas quais disputavam o campo da esquerda Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Leonel Brizola (Partido Democrático Trabalhista-PDT) e Roberto Freire (Partido Popular Socialista-PPS), lideranças da TdL levaram adiante uma nova proposta com vistas a dar instrumentos à “tribo cristã” que se mostrava interessada em se envolver na militância político-partidária.

Ela consistiu na criação de uma articulação formada por leigos e religiosos cristãos, majoritariamente católicos, chamada “Movimento Nacional Fé e Política” (MF&P), a qual estaria voltada para a promoção de cursos de formação e para a realização de eventos com vistas a reunir a totalidade dos militantes. Na agenda do movimento, esteve ainda a publicação regular dos “Caderno Fé e Política” que tinham a função de servir de norte político-ideológico para o movimento (Freire 2022). O MF&P, criado em 1989, tomou corpo e até hoje se encontra ativo por meio da realização – agora irregular – de grandes eventos marcados pela discussão integrada de dois grandes temas: o da “espiritualidade político-libertadora, que se concretiza de forma macroecumênica, e a opção radical pelos excluídos e excluídas do banquete do mercado” (Oliveira 2018, 136). Ainda sobre a questão partidária, cabe apontar ainda a significativa afluência de militantes desse campo em direção ao PT. O mesmo a dizer de importantes lideranças leigas vinculadas à TdL, das quais cabe citar Jether Ramalho, Pedro Ribeiro de Oliveira e Luiz Alberto Gómez de Oliveira, entre outros.

A segunda questão, correlata à primeira, é a que engloba os itens do nosso roteiro, acima discriminado, que interroga acerca da modalidade de intelectual que conforma esse campo. Recapitulando esses itens – padrão de atuação desses intelectuais; suas relações com a Igreja e outras denominações religiosas; e, por fim, reunir características gerais com vistas a pensar nesse tipo específico de intelectual cristão. Vejamos.

Tratemos, em primeiro lugar, de reunir os dois primeiros itens do nosso roteiro. No âmbito das pesquisas que temos realizado a respeito de intelectuais que compreendem a TdL

e o Cristianismo da Libertação, é possível afirmar que, com base inclusive nos dados que recolhemos para este texto, esses intelectuais têm operado com ampla margem de autonomia frente às exigências e demandas das suas denominações religiosas. Para tal, forjaram um repertório de ação (Tilly 1978) no qual o ponto nodal tem sido sua atuação privilegiada em entidades civis, autônomas, e, portanto, algo distanciadas do raio de ação das Igrejas e de suas respectivas hierarquias. Por certo, há gradações quanto à essa autonomia, dado que, muitos quadros da TdL, tal como Beozzo, Frei Betto e Carlos Mesters, mantêm vínculos formais com sua denominação religiosa.

À guisa de conclusão, cabe mencionar ainda quatro outros atributos: 1) Temos verificado que permanece amplamente majoritária a presença de intelectuais católicos nesse campo, sendo eles originalmente oriundos de diversas ordens – a dos dominicanos, a dos jesuítas e carmelitas etc. Beozzo, nesse caso, por se tratar de um sacerdote diocesano, é uma notável exceção. Quantos aos protestantes, houve e há nomes associados às denominações históricas – luteranos, metodistas ou presbiterianos; 2) Emaús e outras entidades do campo, aqui mencionadas, contam com ampla presença masculina, fenômeno esse típico do universo cristão. Essa realidade, porém, vem se alterando rapidamente nas últimas décadas; 3) Reunimos, na pesquisa, intelectuais de formação superior, vários deles com estudos no exterior, sendo que se destaca o bom número de teólogos e de cientistas sociais; 4) Temos indivíduos sensibilizados pela fé cristã que são movidos pela construção de uma “Igreja comunitária”, sendo defensores diretos do protagonismo popular nas lutas sociais e políticas. Exatamente por isso, costumam compor grupos que garantem apoio e assessoria aos movimentos (Ramalho e Esterici 2017). São, assim, por excelência, críticos acerbos de quaisquer posições – ou pretensões vanguardistas – sendo que seu papel central consiste em legitimar o projeto popular-cristão.

## **Referências:**

### **Fontes**

Entrevista de José Ricardo Ramalho ao autor, 2017.

Entrevista de José Oscar Beozzo ao autor, 2018.

### **Bibliografia**

Altamirano, Carlos. *Intelectuales: notas de investigación sobre una tribu inquieta*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2013.

Barros, Clovis Rocha de. *PT: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

- Beozzo, José Oscar. *A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II – 1959-1965*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- Beozzo, José Oscar. *A Igreja do Brasil: de João XXIII a João Paulo II, de Medellín a Santo Domingo*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- Beozzo, José Oscar. “O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas.” *Cadernos Teologia Pública* 12, n. 93 (2015). São Leopoldo: Instituto Humanitas Unisinos.
- Boff, Clodovis. “Os cristãos e a questão partidária.” In *Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Petrópolis/CEDI*, 9-46. Petrópolis: Vozes, 1987.
- Boff, Leonardo. *Eclogiôgênese: as comunidades eclesiais de base reinventam a Igreja*. Petrópolis: Vozes, 1977.
- Boff, Leonardo. *Igreja: carisma e poder*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- Boff, Leonardo, e Clodovis Boff. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2001.
- Bourdieu, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- Bourdieu, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- Castells, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- Castoriadis, Cornelius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEEP). São Paulo: Paulus, 2011.
- Doimo, Ana Maria. *A vez e a voz do popular: movimentos sociais e participação política no Brasil pós-70*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1995.
- Dosse, François. *La marcha de las ideas: historia de los intelectuales, historia intelectual*. Valência: Publicacions de la Universitat de València, 2007.
- Dosse, François. *Renascimento do acontecimento: um desafio para o historiador*. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- Freire, Américo. “A via partidária da transição política brasileira.” *Varia Historia* 30, n. 52 (2014): 287–308.
- Freire, Américo. “Brazilian Liberation Theology and the Party Issue: Debates, Proposals and Reflections.” In *Liberation Theology and the Others: Contextualizing Catholic Activism in 20th Century Latin America*, edited by Christian Büschges, Andrea Müller, and Noah Oehri, 205–224. Lanham, MD: Lexington Books, 2021.
- Freire, Américo, e Evanize Sydow. *Frei Betto: biografia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.
-

- Freire, Américo. “Grupo Emaús: esteio da Teologia da Libertação no Brasil (1970–1980).” *Tempo e Argumento* 11, n. 28 (2019): 212–239.
- Freire, Américo, e Francisco Martinho. “Lembrar abril: as historiografias brasileira e portuguesa e o problema da transição para a democracia.” *História da Historiografia*, n. 10 (2012): 124–145.
- Freire, Américo. “Teologia da Libertação em rede: Emaús, CESEEP e Movimento Fé e Política.” *Revista de História* (São Paulo), n. 181 (2022): 1–28.
- Hermet, Guy. “As transições democráticas no século XX: comparação entre América Latina e Leste Europeu.” Em *Transições em fragmentos: desafios da democracia no final do século XX*, org. Alzira Alves de Abreu, 13-43. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- Lamounier, Bolivar. “Apresentação da edição brasileira.” Em *Como renascer as democracias*, org. Alain Rouquié, Bolivar Lamounier e Jorge Schvarzer, 7-8. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Lefort, Claude. *A invenção democrática: os limites do totalitarismo*. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- Lefort, Claude. *Pensando o político: ensaios sobre democracia, revolução e liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.
- Löwy, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- Miceli, Sergio. *Intelectuais à brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- Novaes, Adauto. “Intelectuais em tempos de incerteza.” Em *O silêncio dos intelectuais*, org. Adauto Novaes, 7-18. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Oliveira, Pedro A. Ribeiro de. *Fé e política: uma trajetória*. Vila Velha: Quatro Irmãos, 2018.
- Perlatto, Fernando. “Sociologia dos intelectuais no Brasil: textos, contextos e novas perspectivas.” Em *Intelectuais no plural*, org. Caio Benedito Martins e Felipe Maia, 45–75. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2025.
- Ramalho, Jether. “Ecumenismo brotando da base.” Em *Uma presença no tempo: a vida de Jether Ramalho*, org. José Ricardo Ramalho, 229–233. São Leopoldo: OIKOS, 2010a.
- Ramalho, Jether. “Histórias de vidas entrelaçadas – trajetória de Jether, presença de Lucília.” Em *Uma presença no tempo: a vida de Jether Ramalho*, org. José Ricardo Ramalho, 13–49. São Leopoldo: OIKOS, 2010b.
- Ramalho, Jether. “Organismos ecumênicos, igrejas e movimentos populares.” Em *Uma presença no tempo: a vida de Jether Ramalho*, org. José Ricardo Ramalho, 183–205. São Leopoldo: OIKOS, 2010c.
- Ramalho, Jether. *Prática educativa e sociedade: um estudo de sociologia da educação*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
-

- Ramalho, José Ricardo. *Uma presença no tempo: a vida de Jethber Ramalho*. São Leopoldo: OIKOS, 2010.
- Ramalho, José Ricardo, e Neide Esterci, orgs. *Militância política e assessoria: compromisso com as classes trabalhadoras e resistência à ditadura*. São Leopoldo: OIKOS, 2017.
- Rancière, Jacques. *Ódio à democracia*. São Paulo: Boitempo, 2014.
- Ribeiro, Renato Janine. “O cientista e o intelectual.” Em *O silêncio dos intelectuais*, org. Adauto Novaes, 137–149. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- Rosanvallon, Pierre. *A contrademocracia: a política na era da incerteza*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2022.
- Rosanvallon, Pierre. *A legitimidade democrática: imparcialidade, reflexividade e proximidade*. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades Editorial, 2024.
- Rosanvallon, Pierre. *Por uma história do político*. São Paulo: Alameda, 2010.
- Rouquié, Alain. “Introdução geral: Querer a democracia.” Em *Como renascem as democracias*, org. Alain Rouquié, Bolivar Lamounier e Jorge Schvarzer, 9–24. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Rouquié, Alain, Bolivar Lamounier e Jorge Schvarzer, orgs. *Como renascem as democracias*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- Said, Edward. *Representações do intelectual: as Conferências Reith de 1993*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Sauvage, Pierre. “Beozzo, José Oscar.” Em *Dictionnaire historique de la théologie de la libération*, dir. Maurice Cheza, Luis Martínez Saavedra e Pierre Sauvage, 79–80. Namur: Lessius, 2017.
- Sirinelli, Jean-François. “As elites culturais.” Em *Por uma história cultural*, org. Jean-Pierre Rioux e Jean-François Sirinelli, 259–279. Lisboa: Editorial Estampa, 1998.
- Sirinelli, Jean-François. “Os intelectuais.” Em *Por uma história política*, org. René Rémond, 231–269. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- Susin, Luiz. “Brésil.” Em *Dictionnaire historique de la théologie de la libération*, org. Maurice Cheza, Luis Martínez Saavedra e Pierre Sauvage, 99–105. Namur: Lessius, 2017.
- Teixeira, Faustino. *Luiz Couto: os encontros intereclesiais de CEBs no Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1996.
- Tilly, Charles. *From Mobilization to Revolution*. Boston: Wesley Publishing Co., 1978.
- Thompson, E. P. *A formação da classe trabalhadora inglesa*. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.
- Weber, Max. *Economia e sociedade*. Brasília: Editora UnB, 2000.
- Zelinský, Dominik. “A sociologia dos intelectuais nos séculos XX e XXI.” Em *Intelectuais no plural*, org. Caio Benedito Martins e Felipe Maia, 21–44. Rio de Janeiro: Ateliê de Humanidades, 2025.
-

\*\*\*

Recebido: 12 de janeiro de 2026

Aprovado: 19 de junho de 2026